

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**PORTO ALEGRE, CURITIBA E FLORIANÓPOLIS (1900-1940):
MONUMENTOS, HERÓIS E IMAGINÁRIO**

SÉRGIO ROBERTO ROCHA DA SILVA

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História. Orientador: Prof. Dr. Moacyr Flores

Porto Alegre, Julho de 2008.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo central analisar a representação do herói nos monumentos públicos das cidades de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis no período entre 1900-1940. A tese central do trabalho está sustentada na premissa de que os monumentos não traduzem uma realidade histórica, mas sim um imaginário. Não basta interpretarmos símbolos e alegorias para entendermos o passado de uma determinada sociedade, pois somente através de uma interconexão de fontes poderemos compreender os limites entre ficção e realidade.

Palavras-chave: Monumentos; Imaginário; História do Brasil; Alegorias; Símbolos.

ABSTRACT

This study's major purpose is to analyze the hero's representation in public monuments in the cities of Porto Alegre, Curitiba and Florianópolis (Brazil) over the period 1900-1940. The central thesis of the work is supported in the premise of that the monuments do not translate a reality historical, but yes an imaginary one. It is not enough to interpret symbols and allegories to understand the past of one definitive society, therefore through an interconnection of sources we will only be able to understand the limits between fiction and reality.

Keywords: Monuments; Imaginary; History of Brazil; Allegories; Symbols.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I – “VIVA A REPÚBLICA” – MONUMENTOS E HERÓIS	31
1.1 - Da queda do Império ao nascimento da República.....	31
1.2 - A importância dos heróis e dos monumentos para a legitimação da República Brasileira.....	38
1.3 - A arte quanto formadora de memórias na difusão do ideário republicano.....	61
CAPÍTULO II – MONUMENTOS DE PORTO ALEGRE	82
2.1 – Monumentos de Porto Alegre.....	82
2.2 – Monumento a Júlio de Castilhos.....	84
2.3 – Monumento a Anita e Giuseppe Garibaldi.....	126
2.4 – Monumento ao Barão do Rio Branco.....	153
2.5 – Monumento ao General Bento Gonçalves.....	164
2.6 – Monumento ao Gaúcho Oriental.....	180
2.7 – Monumento ao Marechal Osório.....	191
2.8 – Ficha dos monumentos do capítulo II.....	208
CAPÍTULO III – MONUMENTOS DE FLORIANÓPOLIS	210
3.1 – Monumentos de Florianópolis.....	210
3.2 – Monumento a Fernando Machado.....	226
3.3 – Monumento a Hercílio Luz.....	248
3.4 – Ficha dos monumentos do capítulo III.....	261
CAPÍTULO IV – MONUMENTOS DE CURITIBA	263
4.1 – Monumentos de Curitiba.....	263
4.2 – Monumento a Santos Dumont.....	270
4.3 – Monumento à República e a Benjamin Constant.....	283
4.4 – Monumento a Rui Barbosa.....	306
4.5 – Monumento a Tiradentes.....	324
4.6 – Monumento ao Marechal Floriano Peixoto.....	343
4.7 – Monumento ao Barão do Rio Branco.....	356
4.8 – Monumento ao Semeador.....	363
4.9 – Ficha dos monumentos do capítulo IV.....	368
CONSIDERAÇÕES FINAIS	370
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	376
Livros e Artigos.....	376
Dissertações e Teses.....	390
Revistas.....	392
Folhetos e Documentos.....	393
Jornais e Álbuns.....	393

INTRODUÇÃO

Sem o envolvimento e a presença da população brasileira, a Proclamação da República no Brasil passou a ser vista mais como um símbolo da queda da Monarquia do que realmente uma conquista da nova ordem política do Brasil. Sem uma coesão entre povo e governo, republicanos implementaram uma batalha simbólica objetivando interferir no imaginário popular, criando novos ideais e apagando da memória da sociedade associações com a Monarquia.

O monumento será o melhor veículo para esta realização, sendo o herói a figura central e divulgadora dessa realidade inovadora. O herói abordado aqui será aquele fabricado e projetado pela República de forma intencional para servir de instrumento para o atendimento de interesses próprios. A função dos monumentos na Primeira República era divulgar e autenticar o novo regime político junto à sociedade, como “*provas materiais das versões oficiais da história nacional, [...] visando a legitimar o poder atual*” (FONSECA, 1997, p.59).

Quando nos referimos a monumentos estamos nos referindo ao acervo produzido com o propósito de conservar a memória do herói representado. As alegorias e os símbolos estarão presentes na obra, como método didático para uma melhor interpretação. Buscaremos compreender até que ponto estes monumentos serão capazes de resguardar uma realidade histórica¹ ou um imaginário². Verificaremos no decorrer do estudo o quanto os heróis materializados nos monumentos foram concebidos a partir de fatos reais ou pelo olhar romanceado de autores e grupos interessados em produzir homens portadores de virtudes e associados à República, imortalizando-os no bronze e na pedra.

¹ Ao usarmos o termo *realidade histórica*, estamos fazendo menção aos acontecimentos registrados em fontes e que expressem coerência, possibilitando revelação de indícios de verdade, já que a História é produzida por homens e, por isso, sujeita a interferências pessoais na versão final dos fatos. Toda sociedade define o que é ou não real, basta a nós identificarmos na subjetividade o que está circunjacente a ficção e não-ficção.

² O termo imaginário tratado aqui está de acordo com o que Castoriadis diz: “[...] falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa ‘inventada’ – quer se trate de uma invenção ‘absoluta’ [...] ou de um deslizamento, de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações ‘normais’ ou ‘canônicas’. [...] é evidente que o imaginário se separa do real, que pretende colocar-se em seu lugar [...]” (CASTORIADIS, 2000, p.154).

A escolha das capitais Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, justifica-se por evidenciarem um rico acervo de monumentos inexplorados através de nossa ótica. Também há especificidades nas três regiões: em Porto Alegre, os monumentos estão relacionados aos políticos positivistas e heróis de guerra; Curitiba prioriza os heróis fundadores da República e políticos destacados no âmbito nacional; em Florianópolis, os heróis são - na grande maioria - de cunho regional, não sendo retratados aqueles de reconhecimento nacional.

O recorte temporal está delimitado a partir da formação dos acervos nas cidades analisadas e pela importância deles para o nosso objetivo. O período de foco se estendeu até 1940 pela possibilidade de enriquecer nosso trabalho, pois será entre 1930 e 1940, que estarão circunscritos os monumentos com temática relativa aos heróis de reconhecimento nacional.

A Primeira República do Brasil é nossa prioridade, portanto mesmo avançando até 1940, não é nosso propósito analisar o Estado Novo. A razão única desse avanço temporal, explica-se pelo fato de alguns monumentos encontrados nas cidades de Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, possuírem datas de inauguração pós 1930. Como são monumentos de grande valor analítico, optamos por usá-los. A alteração de concepção e função dos monumentos a partir do Estado Novo é objeto de pesquisa para uma nova tese. Reafirmamos que estes monumentos analisados até 1940 são portadores de alegorias, símbolos e heróis referentes a ideologia republicana.

Das três capitais selecionadas, apenas Porto Alegre terá uma forte presença do positivismo na política local. Sabendo que o positivismo, o jacobismo e o liberalismo eram as correntes que disputavam a hegemonia na República e que a predominância foi do liberalismo, não iremos fazer um aprofundamento maior do que a pesquisa exige sobre o positivismo. Não há grande relevância em buscarmos o histórico ou exaustiva discussão sobre a filosofia positivista, até porque outros autores já o fizeram com a devida propriedade e eloquência. Mesmo sendo os monumentos parte do patrimônio histórico, não há pretensão em se fazer um estudo teórico da relação entre patrimônio e sociedade.

A tese que norteia nosso trabalho é a de que nas primeiras décadas do século XX, os monumentos produzidos não são portadores de uma realidade histórica, mas de um imaginário. A falta de adesão do povo aos ideais republicanos vai propiciar uma batalha

simbólica tendo como um dos veículos os monumentos públicos. O herói será o condutor da mensagem, traduzida através de alegorias e símbolos.

Concebemos como original o enfoque dado aos monumentos nessa análise. Até o momento as pesquisas e as bibliografias produzidas sobre o tema enfatizam somente os monumentos públicos como portadores de memória e História. Dificilmente algum autor refere-se a eles como possibilitadores de estudo do imaginário. É comum a referência aos monumentos como forma de interpretação da História da sociedade onde foram concebidos.

Destacamos que a discussão nesse trabalho é totalmente oposta a esta visão, pois sem uma ampla e profunda interconexão de fontes, não há como investigar uma determinada sociedade através somente de seus monumentos. Os símbolos e alegorias nos mostram uma memória recriada para evocar lembranças selecionadas, por isso nas representações dos heróis materializados nas obras, não há espaço para deficiências e julgamentos. Ao fazer a revisão da literatura pôde-se perceber uma considerável carência de bibliografias, fato certificado pela existência de poucos autores envolvidos com o tema e, principalmente, que fazem uma abordagem semelhante ao aqui proposto.

Entre os que contribuíram para nossa investigação, mesmo não havendo relação direta com o assunto, temos Arnaldo Walter Doberstein com sua tese de doutoramento “*RS (1920-40): estatuária, catolicismo e gauchismo.*” Doberstein analisou a produção artística dos escultores que trabalharam neste período no Rio Grande do Sul. Através dos artistas ele aborda os monumentos e a arquitetura, proporcionando ampla discussão entre arte e sociedade.

Outro autor é José Murilo de Carvalho, que no livro “*A Formação das Almas: imaginário da República no Brasil*” produziu uma pesquisa que ofertou subsídios ao desenvolvimento de algumas idéias incorporadas nessa tese. Carvalho aborda a República a partir do imaginário, mesmo não fazendo um aprofundamento do conceito e nem se dedicando à questão do herói na sociedade.

Outros autores também colaboraram com seus trabalhos, entre eles: Suely Weisz Godoy, que em sua tese de doutoramento “*Estatuária e Ideologia: monumentos comemorativos de Rodolpho Bernardelli no Rio de Janeiro*” buscou a identificação dos monumentos produzidos no Rio de Janeiro para trabalhar, em específico, o escultor Rodolpho Bernardelli, cuja participação na formação do acervo artístico foi de grande

importância. O mérito reside em trazer dados sobre o escultor Bernardelli e apresentar uma análise entre estatuária e ideologia.

A tese de doutoramento de Paulo Knauss de Mendonça, *“Imagens Urbanas e Poder Simbólico: esculturas e monumentos públicos nas cidades do Rio de Janeiro e Niterói”*, fornece uma discussão sobre a importância da simbologia dos monumentos na formação histórica da cidade. O autor José Francisco Alves, publicou em 2004 o livro *“A Escultura Pública de Porto Alegre: história, contexto e significado”*. Ainda que não haja um debate mais aprofundado sobre a relação entre monumentos e sociedade, propicia útil material de indicação de fontes e ilustrações de monumentos para consulta.

O uso de monumentos da Primeira República brasileira se justifica pelo valor histórico que lhe é intrínseco, além de possibilitar melhor interpretação do imaginário das sociedades aqui elencadas. Outra razão será o valor patrimonial que os monumentos agregam. Infelizmente nossos acervos estão atualmente fadados ao esquecimento. Os monumentos perderam a função primordial da conservação da memória, passando a ser alvo de depredações e furtos. Além de fazerem parte de nosso patrimônio cultural, os monumentos abrigam muito do imaginário coletivo de uma sociedade. O descaso da sociedade é patente, pois:

“(...) além do comércio clandestino realizado por negociantes de antiguidades, (...) ainda a ‘indiferença da população local’ como fator responsável pela situação (...) facilita o comércio clandestino. (...) é resultante da ‘ignorância’ da população brasileira quanto ao valor desses objetos como parte do patrimônio nacional” (GONÇALVES, 2002, p.92).

Estamos convictos de nossa contribuição para a historiografia, frente à realidade de carência de pesquisas e bibliografias disponíveis atualmente. A tarefa do historiador é de ofertar à sociedade caminhos de compreensão da importância da preservação de nossa memória. Segundo Ricardo Oriá:

“O estudo dos monumentos, ícones e equipamentos urbanos é recente no âmbito da historiografia brasileira. Acompanha a tradição da Nova História francesa, mais precisamente no campo das mentalidades e do imaginário nas cidades, sobretudo nos seus espaços públicos de maior circulação” (ORÍÁ, 2000, p.220).

Nossos objetivos estão divididos em dois grupos: os gerais, que buscam identificar e interpretar os símbolos e alegorias presentes nos monumentos produzidos entre 1900 a 1940, nas cidades de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis; e os específicos, cujo eixo central de investigação será a relação entre o imaginário da época e os monumentos erguidos nas respectivas cidades no período proposto, analisando o contexto de glorificação do herói presente nos acervos das obras.

No primeiro capítulo nos deteremos em recompor o cenário da queda da Monarquia e da Proclamação da República, no Brasil. Em seguida, analisaremos a função do herói na sociedade, demonstrando qual sua importância na divulgação dos ideais republicanos, bem como delimitaremos qual o tipo de herói utilizado em nosso enfoque investigativo. Juntamente, mostraremos em que sentido e circunstâncias os monumentos serão evidenciados e qual a utilização dos mesmos pela República.

Os monumentos de Porto Alegre serão objeto do segundo capítulo. Além de uma interpretação dos símbolos e alegorias presentes nas obras e análise dos heróis, também pretendemos comprovar a tese de que os monumentos não são portadores de uma realidade histórica, mas sim de um imaginário. Os homenageados representados foram reinventados e romanceados sob a égide do reconhecimento quanto heróis divulgadores dos ideais republicanos. Na capital do Rio Grande do Sul, os heróis políticos e militares serão predominantes em quase todos os monumentos, refletindo assim o cenário da sociedade em que foram recriados.

No capítulo três serão investigados os monumentos de Florianópolis. Diferentemente de Porto Alegre, a capital de Santa Catarina possui um número reduzido de obras, com reduzidas alegorias e símbolos. Os heróis idealizados serão mais regionais do que nacionais, diferentemente das principais capitais do Brasil. A pouca expressividade dos ideais republicanos na cidade Florianópolis foi um dos fatores que levaram a cidade a formar um reduzido acervo de obras e cultivar um diminuto número de heróis.

Os monumentos da cidade de Curitiba estarão em nosso último capítulo. Com um número expressivo de obras e heróis republicanos, Curitiba será o melhor exemplo de reelaboração de uma memória, cuja finalidade foi imortalizar no imaginário da sociedade os principais representantes da República, tais como: Benjamin Constant, Tiradentes e Floriano Peixoto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrarmos este estudo não estaremos de esgotando o ensejo de futuras pesquisas acerca da temática, ainda contamos com os monumentos em nossa sociedade, bem como dispomos da rica iconografia produzida no período da Primeira República.

O uso do simbolismo foi certamente uma prática marcante do novo regime político do Brasil. Percebemos que os monumentos não são mais concebidos por grande parte da população como um elo de ligação entre passado e presente, basta a constatação do descaso e ações depredatórias dirigidas a estas obras. Os heróis personificados no bronze e na pedra hoje são ignorados pelos transeuntes, confirmando a perda daquela função idealizada na formação do acervo.

Em Porto Alegre, os monumentos foram erguidos por iniciativa de pequenos grupos, com a intenção de divulgação de ideais para atender interesses particulares. Os heróis políticos e militares foram os que mais estiveram presentes nesta glorificação, reafirmando-os como promotores da iniciativa. A sociedade apenas assistiu as decorrências dos fatos e, como na Proclamação da República, teve participação um tanto quanto inexpressiva.

Na capital gaúcha, percebemos também que há uma nítida diferença entre os heróis idealizados e sua atuação no meio social. Se não tivéssemos recorrido à associação e conexão de diversificadas fontes, dificilmente poderíamos traçar um perfil do personagem representado, mais próximo do real e da História. O monumento ao positivista Júlio de Castilhos é o melhor exemplo de propaganda política. A vida de Castilhos foi idealizada nos mínimos detalhes, objetivando perpetuar para o futuro não somente os atos e a existência do líder político, mas a de um herói, onde os defeitos foram transformados em glória e virtude.

Em Florianópolis, concluímos que o hábito de construir monumentos para homenagear heróis e utilizá-los como propaganda dos ideais republicanos foi sem expressão. Na cidade foram encontrados poucos monumentos e com reduzido número de símbolos e alegorias. Somente a obra ao Cel. Fernando Machado está localizado no período da Primeira República.

Os heróis em Florianópolis não são de grande projeção nacional, pois foram evidenciados aqueles homens que nasceram e deixaram algum legado para a História da capital catarinense. Não houve mobilização de culto a esses heróis por parte da sociedade. Heróis regionais foram usados para divulgar certos interesses como, por exemplo, Hercílio Luz, cuja relação com a ponte que liga a cidade ao Continente foi mais evidenciada que suas virtudes. Fernando Machado foi lembrado por José Boiteux porque vivia-se um período de conflitos da Primeira Guerra Mundial e a cidade ainda não tinha um herói militar para cultuar.

Em Curitiba, podemos constatar a utilização de monumentos e heróis como forma de divulgação de ideais da República. Grande parte do acervo de obras é de heróis ligados diretamente à República e o restante (exceto *O Semeador*) foi adotado para propagar a mensagem da nova administração política do Brasil. A comprovação de que houve culto aos heróis de forma tardia em Curitiba, está verificada a partir das datas de inauguração dos monumentos: cerca da metade foi erguido somente após o fim da Primeira República. Diferentemente de Porto Alegre, a capital paranaense não teve o governo local como o grande financiador das obras, tarefa concretizada por pequenos grupos.

Está visível o modismo em erguer monumentos em Curitiba. Ao invés de glorificar heróis que atuaram diretamente na região, preferiu-se cultuar homens que se destacaram nacionalmente. A incoerência de ter na praça da cidade uma obra homenageando Floriano Peixoto nos mostra a dimensão das contradições encontradas nos acervos analisados.

Foi uma pesquisa exaustiva na busca de informações, o que solicitou constante trabalho de campo. Na tabela da página seguinte podemos visualizar o número de monumentos utilizados para esta investigação:

Além dos monumentos utilizados aqui, também inventariamos aqueles que poderiam fazer parte do estudo e que por razões de incompatibilidade com os nossos objetivos, não foram contemplados. As cidades de Porto Alegre e Curitiba foram as capitais com maior número de obras. Proporcional foi a riqueza de detalhes encontrada nesses monumentos. Pela tabela é possível compreender nosso avanço até 1940, visto que a metade dos exemplares situa-se entre os anos de 1931 e 1940.

Tabela 3 - Demonstrativa de monumentos utilizados na pesquisa

Cidades	Números de monumentos selecionados (1900-1930)	Números de monumentos selecionados (1931-1940)	Total de monumentos
Porto Alegre	3	3	6
Curitiba	4	3	7
Florianópolis	1	1	2*
Totais de obras nas três capitais	15		

* Em Florianópolis optamos por colocar dois monumentos fora do nosso recorte temporal – Bulcão Vianna (1943) e Lauro Müller (entre 1975 e 1979) – para exemplificar a tardia prática de culto aos heróis na cidade.

Com quinze obras utilizadas, houve a necessidade de buscarmos em documentos e publicações o perfil de cada homenageado. Não foi nossa proposta desenvolver um estudo biográfico, utilizamo-nos de dados para identificar as contradições entre as representações nos monumentos e a História de vida de cada um.

Os objetivos foram alcançados com plena satisfação, pois símbolos e alegorias foram analisados e interpretados em todos os monumentos selecionados nas cidades de Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis. Também fizemos um estudo relacionando o imaginário da época à glorificação dos heróis e a formação desses acervos.

A nossa tese de que os monumentos não refletem uma realidade histórica, mas um imaginário foi confirmado no decorrer do trabalho. Apontamos as diferenças entre fato e ficção contidas nos conjuntos artísticos que compunham os acervos, ficando nítida a idealização daqueles que financiaram e tiveram a iniciativa de erguer monumentos para homenagear heróis criados para prover seus desejos.

Não podemos analisar a História de uma sociedade *somente* através de seus monumentos. Essas obras são testemunhos de um imaginário e os heróis homenageados foram recriados a partir de uma realidade, tornando-se personagens inverossímeis.